

# *A figura da elipse no Grande Sertão: Veredas*

Dilma Castelo Branco Diniz | UFMG

Resumo: *Este estudo tem o objetivo de mostrar os vínculos que podem ser estabelecidos entre a figura da elipse, em suas diversas acepções, e a obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa.*

Palavras-chave: *elipse, Grande Sertão, Guimarães Rosa.*

Em *Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa*, segundo Antonio Candido, “há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto”.<sup>1</sup>

Instigada por tais palavras, senti-me tentada a comparar esse texto extraordinário à figura da elipse, já que, desde a primeira leitura, tive a impressão de estar diante de um discurso elíptico. Outro dado importante se juntou a esse. O cineasta Geraldo Santos Pereira, amigo de Guimarães Rosa, afirmou que o escritor não gostava da “tendência de alguns cineastas em pretender emocionar a platéia por meio de cenas impregnadas de um falso sentimentalismo, pretensamente nacional (...) preferia as *elipses*, os detalhes mais carregados de sugestões do que prolongadas cenas visuais, explícitas, redundantes, esparramadas.”<sup>2</sup>

1. CANDIDO, 1978, p. 121.

2. PEREIRA, 2006. Caderno Pensar, p. 1. O grifo é meu.

Para maior clareza, tratarei, primeiro, de algumas considerações sobre os significados do termo “eclipse”, e tomarei por base algumas reflexões do filósofo e escritor francês Michel Serres.

## 1 - Considerações sobre a figura da eclipse

O primeiro significado do termo “eclipse” é gramatical. De um modo geral, as gramáticas de nossa língua consideram a “eclipse” uma figura de linguagem. Celso Cunha a define assim: “eclipse (do grego *éllipsis*, “falta”, “insuficiência”) é a omissão, espontânea ou voluntária, de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir.”<sup>3</sup> O referido gramático observa também que a eclipse pode ser usada como um processo estilístico, um recurso condensador da expressão.<sup>4</sup>

Mas a “eclipse” é também um termo da geometria: “lugar geométrico dos pontos de um plano cujas distâncias a dois pontos fixos desse plano têm soma constante; interseção de um cone circular reto e um plano que corta todas as suas geratrizes”.<sup>5</sup>

Num de seus livros, Michel Serres faz algumas considerações sobre a “eclipse” como figura geométrica, considerações que se mostram bastante esclarecedoras. Comenta que nem o Sol nem a Terra se situam no centro do mundo. Antigamente, a filosofia glorificou a revolução copernicana por haver tirado nosso planeta de sua posição central, mas foi Kepler quem descobriu que o movimento geral dos astros segue órbitas elípticas. E essas órbitas se referem, certamente, em conjunto, ao doador solar de força e de luz, que ocupa um de seus focos, mas cada órbita, além disso, se refere a um segundo foco, do qual ninguém jamais fala, mas que é tão eficaz e necessário quanto o primeiro, uma espécie de segundo sol negro.

Ademais, nenhum desses dois pólos se encontra no meio. O centro real de cada órbita fica exatamente num terceiro lugar, justo entre seus dois focos, o globo brilhante e o ponto obscuro.<sup>6</sup>

3. CUNHA, 1976, p. 575.

4. CUNHA, 1976, p.577.

5. HOUAISS, 2004, p. 1112.

6. SERRES, 1991, p. 69.

Continuando sua explanação, Michel Serres afirma que o conhecimento funciona elípticamente, da mesma maneira como Kepler descreveu o funcionamento do sistema planetário. Uma distância mensurável separa o sol do conhecimento de um segundo foco negro, tão ativo quanto ele, embora sombrio.

Os fracos, simples e iletrados, excluídos do saber canônico e menosprezados pelos doutos, se pautam muitas vezes sobre os pontos negros. Talvez porque esses pontos negros não os ceguem nem os oprimam ou os sustentem tanto quanto o sol encanta os filósofos.

Além disso, os sábios, eles mesmos, reconheceriam os momentos solares de conhecimento poderoso se não se misturassem a algumas horas longas de sol negro? A intuição verdadeira não se acompanha de uma indispensável fraqueza? E que lhe deve ela?, pergunta o referido crítico.<sup>7</sup>

Vejam, em seguida, como essas considerações podem se vincular ao *Grande Sertão: Veredas*.

## 2 - Uma narrativa elíptica

O romance de Guimarães Rosa se configura como uma longa narrativa de memórias: o fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo, em idade já avançada, conta a um interlocutor citadino sua vida de aventuras no sertão dos gerais. Entretanto, o ouvinte permanece silencioso do princípio ao fim, e sua presença se percebe apenas através das apóstrofes do narrador. Paulo Rónai assinala que “esse recurso fértil confere à narração estilo oral e dramaticidade direta, e permite a Riobaldo esmiuçar com toda a meticulosidade suas lembranças mais secretas”.<sup>8</sup>

Como a memória é essencialmente fragmentária, pois não nos lembramos de tudo, mas de certos acontecimentos, de pessoas que marcaram nossa vida, ocasiões especiais, etc., é natural que a atividade memorialista, e conseqüentemente a sua narração, se mostre *elíptica*, isto é, omissa (voluntariamente ou não) e lacunar. Essas marcas estão presentes ao longo de toda a narrativa, mas principalmente no início do livro, quando o narrador

7. SERRES, 1991, p. 70.

8. RÓNAI, 2001, p. 17.

parece experimentar vários caminhos, entra por um atalho, desvia-se, hesita no rumo a seguir, volta ao ponto de partida, recomeça a ação. Parece não saber por onde começar e embrenha-se numa rede de episódios desconexos; mas, seguindo por essas veredas tortuosas, chegamos finalmente a uma “estrada real, de horizonte dilatado, por onde a história se desenrola ampla, épica, irresistível”.<sup>9</sup> A partir de então, os mistérios do princípio elucidam-se progressivamente, os episódios que pareciam desconexos encontram sua razão de ser, alusões obscuras surgem como antecipações e/ou presságios. E descobrir essas conexões é uma das grandes alegrias da leitura.

Além disso, o discurso da memória, no seu constante ir e vir, pois o passado é uma construção e uma interpretação constantes, apresenta o movimento da trajetória elíptica. Com sua narrativa, Riobaldo procura escapar de um passado de sofrimento, mas não consegue. O futuro só é pensado com restos do passado, de um passado que não passa, simplesmente porque Riobaldo quer conservá-lo intacto. Se o passado desaparecesse, qual o motivo que ele teria para viver? Em sua visão subjetiva, o ex-jagunço mostra uma percepção insólita do tempo.

### 3 - Um tempo elíptico

Do seu estatuto de proprietário rural, que se inclina sobre o próprio passado, num bando de jagunços, para melhor compreender sua história, pode-se dizer que Riobaldo passou para o outro lado da sociedade; é assim que ele se volta para os valores aculturadores e os adota, reproduzindo dessa forma os valores tradicionais daqueles que um dia havia criticado. Tornou-se então um “dominante”. Esse processo de ascensão ao poder começa com Riobaldo-Tatarana, por ocasião da tomada do comando do grupo das mãos de Zé Bebelo até o combate final contra os *bermógenes*. Nesse momento, o leitor percebe o revés do jagunço “pactário”, já que ele se retrai no momento crucial da batalha. Sua degradação vai então culminar em sua vida sedentária de proprietário rural, que perpetua as mesmas bases de um sistema arcaico e clientelista: ele que, a exemplo de Zé Bebelo, queria modernizar o sertão por meio do combate ao mal da jagunçagem.

9. RÓNAI, 2001, p. 16.

É numa de suas propriedades que ele se instala com seus próprios *jagunços*, companheiros de armas de antigamente, a quem ele propõe ficar morando em suas terras em troca de proteção para si mesmo e seus bens. Pode-se perceber que as relações entre proprietários e meeiros, continuam as mesmas existentes, desde o período da colonização até o final do século XIX:

Também eu desse de pensar em vago em tanto, perdia minha mão-de-homem para o manejo quente, no meio de todos. Mas, hoje, que raciocinei, e penso a oito, não nem por isso não dou por baixa minha competência num fôgo-e-ferro. A ver. Chegassem viessem aqui com guerra em mim, com más partes, com outras leis, ou com sobejos olhares, e eu ainda sorteio de acender esta zona, ai, se, se! É boca no trabuco: é no té-retê-retém... E sozinhozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei coloquei redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspé – meeiro meu – é meu. Mais légua, se tanto, tem Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Prezas. E o Fafafa – este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão: limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, e antes esses desrodeamos...O Fafafa tem uma eguada. Ele cria cavalos bons. Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sesfrêdo, o Jesualdo, o Nelson e João Concliz. Uns outros. O Triol... E não vou valendo? Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos.<sup>10</sup>

Ao ler esse trecho, tem-se a impressão de que as relações entre o proprietário e os meeiros eram, como ainda são no Brasil atual, sempre guiadas por um certo paternalismo, nesse caso, disseminado na amizade que liga Riobaldo a seus antigos companheiros de jagunçagem. Moram perto uns dos outros, alguns vivem nas terras de Riobaldo e, ao menor sinal, estão prontos a defendê-lo contra um eventual inimigo. “E sozinhozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei coloquei redor meu minha gente”: essas palavras constituem a prova incontestável da obediência dos vizinhos ao rico fazendeiro que ele se tornou e da dominação que exerce sobre seus amigos.

10. ROSA, 2001, p. 39-40. Todas as citações seguidas de GSV e do(s) número(s) da(s) página(s) correspondente(s) são tiradas dessa edição.

Maria da Conceição Coelho Ferreira<sup>11</sup> comenta que, como se sabe, as constelações míticas possuem a característica de atravessar períodos históricos diversos, impondo o reconhecimento da persistência de questões não resolvidas. A introjeção dos mesmos princípios é o sintoma de permanência, mesmo se os motivos desses princípios nascem de situações completamente novas. Mas a consciência de nossa fixação num determinado ponto de nossa história não é uma maneira de ultrapassá-la? Realmente, mas Riobaldo não está consciente de sua fixação no passado. Ele não se dá conta de que, porque está preso à sua história, ele não constrói outra, mas invalida toda possibilidade de reconstruí-la em novas bases. Por outro lado, dada a impossibilidade de fazer reviver as experiências vividas, ele se afogou no peso de um passado repleto de tradições contraditórias e de mentiras. Na sua figura de “patriarca”, sobrevive o *continuismo*, característica de toda ideologia baseada no passado como a única referência possível, afirma Maria da Conceição Coelho Ferreira.<sup>12</sup> E é dessa maneira, aliás, como pai condescendente em relação às criaturas frágeis que cruzaram o seu caminho, que ele se lembra das mulheres do Sertão, desde seu encontro com Nhorinhá, até a descoberta do segredo da jovem moça Diadorim, passando por Otacília, que se tornou sua mulher. Fazendo referência à sua esposa, com quem pode contar em todos os momentos, ele fala antes de um sentimento fraternal do que de amor. É que sua obsessão pelo passado o impede de viver intensamente um presente que se anula na exclusão daquele que narra. O processo de transferência vivido pelos indivíduos provenientes de uma ordem hierárquica rígida continua a ter como objeto os símbolos tradicionais que as instituições encarnam.<sup>13</sup>

Fazer uma reflexão sobre as permanências é também pensá-las de maneira histórica, sob um novo aspecto, embora se possa perder certos detalhes. Na verdade, a história é a permanência com a qual vivemos em todos os momentos de nossa existência, já que ela ocupa simultaneamente todos os espaços. No imaginário político de Minas Gerais, a fixação dos homens em seu passado é uma constante. Assim acontece com Riobaldo: ele hesita no tempo presente com o olhar fixo nas horas passadas. A visão do presente nutre-se dos ventos vindos do passado e, ao falar deles, é tomado

11. FERREIRA, 2005, p. 253-254.

12. FERREIRA, 2005, p. 254.

13. FERREIRA, 2005, p. 254.

por um desejo irresistível de realizar o passado no futuro: “O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha idéia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos” (GSV, 303).

Sua relação com o espaço/tempo pode ser comparada ao Sertão, enquanto um espaço imenso, árido, deserto, onde a comunicação é difícil, às vezes impossível. Um espaço impermeável às mudanças, um tempo que não passa, que volta sempre ao ponto inicial: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo” (GSV, p.302).

A construção mítica do Sertão mineiro pressupõe a criação de vínculos indissolúveis entre o passado e o futuro. O pensamento mítico anula o tempo, tornando-o presente, quando estabelece a continuidade entre os momentos consumados antigamente e os anos ainda por vir. Dessa maneira, o lado político do imaginário de Minas Gerais revela sua dimensão claramente ideológica e a literatura exprime, de certa maneira, a incapacidade de mudança das condições objetivas da vida. É por isso, que Maria da Conceição C. Ferreira afirmou que o tempo no *Grande Sertão: Veredas* se configura como um tempo elíptico.<sup>14</sup>

#### 4 - Os dois focos da elipse

O grande romance de João Guimarães Rosa gira em torno dos dois principais personagens: Riobaldo e Diadorim. Creio que os dois podem ser comparados aos dois focos da elipse: um sol brilhante e outro sombrio, igualmente ativos, mas que se alternam entre a luz e a sombra. Na maior parte da narrativa, Riobaldo sobressai, deixando Diadorim na obscuridade. Mas há trechos em que essa posição se inverte, como no episódio do primeiro encontro dos dois. Essa passagem é um ponto chave da narração e anuncia a importância da relação entre os dois amigos, que é marcada, no texto, por uma luz nova: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por quê, me devolvendo minha razão” (GSV, 117).

O encontro dos dois meninos se dá nas margens do rio de Janeiro, perto do rio São Francisco, quando tinham mais ou menos quatorze anos. A travessia do rio, efetuada numa pequena canoa ribeirinha por Riobaldo e o

14. FERREIRA, 2005, p. 249.

Menino, terá o sentido de uma viagem subjetiva e simbólica, já que, a partir desse acontecimento, pode-se notar uma nítida mudança no modo de Riobaldo enxergar o mundo. Algo aconteceu além dos limites de sua compreensão, deixando, em seu íntimo, uma convicção de que seu destino estava preso a esse fato: “O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome” (GSV, 125). O menino pobre que se apresenta nas margens do rio para pedir esmola desaparece e cede seu lugar a um adolescente mais maduro. Trata-se de um ritual de iniciação: a mudança de seu comportamento o atesta, já que o medo que o oprime é então assimilado enquanto elemento inerente à condição humana. E a iniciação se dá graças ao Menino Diadorim, seu guia na descoberta do mundo adulto.

Simbolicamente, os meninos passam de um rio pequeno de águas claras, tranqüilas e sem segredos, a um rio imponente, cujas águas tumultuosas e escuras não deixam um bom presságio. Essa dicotomia presente na relação entre os dois rios também se encontra nos dois meninos. Se suas aspirações pareciam ser comuns, sua situação social e suas personalidades eram profundamente diferentes. Enquanto Riobaldo representa o lado frágil, por sua timidez e condição humilde, fazendo o papel do ponto escuro da elipse, Diadorim representa o globo luminoso, mostrando-se como seu duplo invertido: corajoso, bem vestido e de boas maneiras, traços que denunciam sua origem privilegiada.

Esse encontro será um acontecimento decisivo para o adolescente Riobaldo e representa o início de uma metamorfose progressiva, que culmina com a descoberta do mundo e do amor pelo protagonista. Era a primeira vez que sentia amizade por alguém: “Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente” (GSV, 119). Fica fascinado pelo novo amigo que já admira. Será também a ocasião propícia para que ele aprenda o sentido da palavra coragem: Diadorim nada teme, nem a travessia do rio naquela canoa que se equilibrava mal e balançava ao mínimo sobressalto do rio, nem o encontro com o mulato que os provoca. Entretanto a violência do golpe com a faca o assusta, sobretudo porque ele não consegue entender a postura do amigo naquela ocasião. As palavras delicadas com as quais Diadorim se dirige ao homem que os persegue o confundem. “Você, meu nego? Está certo, chega aqui... A fala, o jeito dele, imitavam de mulher. Então, era aquilo?” (GSV, 124).

Ao rememorar esse acontecimento, o personagem-narrador compreende que não é mais mestre de seu destino, porque se tornou cativo do menino desde o seu primeiro encontro: “Nem sabia o nome dele. Mas não carecia. Dele nunca me esqueci, depois, tantos anos todos” (GSV, 125). O segredo que parece pairar sobre Diadorim mantém a aura de mistério que envolve o personagem. Quando, na viagem de volta, Riobaldo lhe pergunta se é sempre valente, declara: “Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” (GSV, 125). Essas palavras insinuam fatos e questões que o leitor só descobrirá no final da narrativa. Mas a confusão de sentimentos do narrador em relação ao Menino é a prova de que uma emoção incompreensível e ambígua toma conta de Riobaldo, sem que ele possa controlá-la.

Verifica-se que, nesse trecho que descreve o encontro dos dois meninos, estão reunidos todos os temas que constituem e engendram a ficção: a travessia, a dicotomia bem/mal, masculino/feminino, coragem/medo, etc. Percebe-se também que o autor dispersou pistas, na narrativa de Riobaldo, para se decifrar o enigma, lançado como um desafio ao leitor, imerso no jogo labiríntico do texto.

Para acentuar a duplicidade dos personagens, vistos como os dois focos da elipse, pode-se assinalar que tanto Riobaldo quanto Diadorim, apesar de suas diferenças, possuem algumas características em comum. Ao longo do romance, ambos aparecem com nomes diversos, símbolo de sua densidade. Riobaldo é sempre Riobaldo, mas a esse nome se acrescentam outros, como Tatarana, “lagarta de fogo”, e mais tarde, o apelido de Urutu Branco, “serpente venenosíssima”, depois de sua passagem pelas Veredas Mortas. Diadorim é um personagem fascinante, solitário e misterioso. Conhecido como Reinaldo no grupo de jagunços, tem o apelido de Diadorim para os íntimos, apelido que é derivado de seu verdadeiro nome: Maria Deodorina. Essa pluralidade nominal nos revela também a complexidade e a riqueza polifônica da obra de Guimarães Rosa.

Já vimos, no episódio do encontro dos dois meninos, que Diadorim pode ser considerado um duplo invertido do personagem narrador, com todas as diferenças e semelhanças que essa imagem subentende. Percebe-se também que ele é um personagem que age mais do que fala, ao contrário de Riobaldo. Depois da morte de Joca Ramiro, um só pensamento ocupa sua mente: vingar seu pai. Deixa claro a Riobaldo que tem um segredo e que o

revelará ao final da guerra: “Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...” (GSV, 526) Trata-se, portanto, de um personagem enigmático, misterioso. Sua identidade é nebulosa, pois é um jagunço que os outros não conseguem compreender, nem mesmo seu amigo inseparável. Num jogo de palavras fino e sensível, o autor revela toda a complexidade e ambigüidade dessa relação entre os dois amigos, marcada pelo signo da solidão. Cada um é prisioneiro de seu segredo, Diadorim, de sua feminilidade, Riobaldo, de seu amor culpado, proibido. Representam, assim, os dois focos da elipse: figuras semelhantes e invertidas, destinados a nunca se encontrar verdadeiramente.

Esse romance enorme, que parece não ter fim, acaba com a lemniscata ( $\infty$ ), símbolo matemático do infinito, que se assemelha bastante à figura da elipse, lembrando também, em sua forma, os dois focos de sua figura bem como o seu centro.

## 5 - O centro da órbita elíptica

Já vimos que Michel Serres declarou que o conhecimento funciona elipticamente, segundo o modelo astronômico de Kepler. Ele se descentra em direção à claridade como o mundo, mas, do mesmo modo que ele, no seu impulso, na energia de seu movimento. Ignoramos o que nos incita a deixar a ignorância, motivações e finalidades, mais ainda, o que nos dirige ao saber. A motricidade se acha partilhada entre a fonte que cega de luz e um segundo ponto obscuro. O não-saber bordejia o saber e se mistura com ele, explicita o referido filósofo.<sup>15</sup> Vimos também que o centro da elipse estaria então num terceiro lugar, entre os dois focos, a igual distância de cada um.

À semelhança dessa reflexão de Serres, no *Grande Sertão: Veredas*, há uma crítica enorme à lógica dicotômica, alternativa, como única possibilidade de apreensão da realidade. De fato, existem na obra várias indagações, e mesmo afirmações, que são resultantes da convivência em constante tensão de elementos contraditórios e aparentemente incompatíveis. Ao procurar compreender melhor a sua história de vida, o narrador indaga frequentemente sobre o sentido das coisas e perplexo declara:

15. SERRES, 1991, p. 70.

Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses” (GSV, p.27-28).

Do ponto de vista da linguagem, não existe uma unidade como fala exclusiva do sertão nem como fala exclusiva da cidade e seu movimento desloca ainda as unidades imaginárias e oposições homólogas, iletrado/letrado, arcaico/moderno, mito/razão, atraso/progresso, etc.

O romance apresenta, portanto, uma visão plural, híbrida, indagadora, marcada pela ambigüidade e pelo signo da busca, da motricidade. Não existem valores absolutos nem afirmações categóricas, mas antes caminhos a serem trilhados, “travessias”.

*Résumé: Le but de cette étude est de montrer les liens qui peuvent être établis entre la figure de l'ellipse, dans ses divers sens, et l'oeuvre Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa.*

*Mots clés: ellipse, Grande Sertão, Guimarães Rosa.*

### Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1976.
- FERREIRA, Maria da Conceição Coelho. *Croyances politiques et religieuses dans Grande Sertão Veredas, de João Guimarães Rosa*. Paris: Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle, 2005.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PEREIRA, Geraldo Santos. Guimarães Rosa e o cinema. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 abr. 2006. Caderno Pensar, p.1.
- RÓNAI, Paulo. Três motivos em Grande Sertão: Veredas. In: ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SERRES, Michel. *Le tiers instruit*. Paris: Éditions François Bourin, 1991.